

"A Ética vocacional do protestantismo Ascético: um estudo do Capitalismo Moderno na perspectiva do método compreensivo - Weberiano"

Profa. Maria Teresa Canesin Guimarães¹

Este artigo é um esforço no sentido de compreender o pensamento Weberiano à partir da obra "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo". Propõe examinar o processo de construção do conhecimento ou "a mágica" que permite a Max Weber, enquanto investigador social, passar de um "texto bruto" da história para a interpretação propriamente dita. Visando entender o percurso metodológico feito por Max Weber ao procurar desvendar o significado da ética vocacional do Protestantismo ascético para o desenvolvimento do Capitalismo, o artigo se propõe examinar como ocorre a articulação entre a investigação empírica e os fundamentos lógicos e teóricos das Ciências Sociais.

1. Introdução

Este artigo é um esforço no sentido de compreender o pensamento Weberiano a partir da obra "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" (Weber, 1967). Propõe examinar o processo de construção do conhecimento ou a "mágica" que permite a Max Weber, enquanto investiga-

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UFG.

dor social, passar de um "texto bruto" da história para a interpretação propriamente dita.

Os clássicos do pensamento sociológico (Weber, Marx, Durkheim...) produziram elaborações teóricas diferenciadas para os problemas postos pelas sociedades capitalistas do século XIX, início do século XX; instituíram estilos de pensar e desenvolveram métodos de interpretação. Em outros termos, esses pensadores expressaram em suas obras uma lógica específica de descrever e interpretar o social.

A análise atenta da trajetória de cada autor no processo de construção do conhecimento indica um determinado percurso metodológico e um recorte diferenciado da realidade.

A tentativa de incursionar pela "Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" visa a compreender a reflexão lógico-metodológica presentes na análise Weberiana. Assim, pretende-se entender o percurso metodológico feito por Max Weber ao procurar desvendar o significado da ética vocacional do Protestantismo ascético para o desenvolvimento do Capitalismo Moderno.

2. A definição do tema e o diálogo com as questões teóricas e práticas da sociedade Ocidental do século XIX

As análises de Max Weber respondem aos desafios do seu tempo; são descrições e interpretações de um tempo histórico, onde o mundo burguês se afirmava desarticulando a tradição, a religião, secularizando a sociedade e a cultura.

Preocupado em fazer uma ciência centrada no estudo da "subjetividade das ações humanas", no sentido de compreender o significado destas ações, Weber tem bastante claro que responde a problemática do seu tempo e, que, portanto, as ciências humanas são de natureza histórica e dotadas de um caráter prático. Diz, "todos nós sabemos que a nossa ciência tal como qualquer outra ciência nasceu historicamente de considerações práticas" (Weber, 1977:11).

Na introdução de seu trabalho a "Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" institui o seu objeto de investigação dialogando com as questões teórico-práticas do século XIX. Como um filho da moderna civilização europeia indaga,

"de qual combinação de fatores a que se pode atribuir o fato de na civilização ocidental, e somente na civilização ocidental, haverem aparecidos fenômenos culturais dotados

(como queremos crer) de um desenvolvimento universal em seu valor e significado" (Weber, 1967:1).

O seu interesse, pois, dirige-se para o que é específico do ocidente, o aparecimento de um fenômeno de natureza universal: o alto índice de racionalização presente nas sociedades modernas. A problemática de Weber é não só responder porque existe Capitalismo no ocidente, mas porque no ocidente mais do que em outras partes do mundo, a ordem capitalista se manifestou através de uma racionalização sem limites. Essa problematização resultou de uma incursão por outras formas de sociedades em tempos históricos diferenciados. Estudando comparativamente o estágio de desenvolvimento da "ciência", o grau de racionalidade do direito e das artes, a modalidade de especialização profissional, a organização estamental das associações políticas e sociais e o desenvolvimento técnico, observou a presença de um traço que dava peculiaridade às sociedades modernas: a existência de operações racionais baseadas no cálculo. O "impulso para o ganho", a "ânsia do lucro", os empreendimentos capitalistas orientados para o ajustamento dos lucros à proporcionalidade dos investimentos, existiram na China, na Índia, na Babilônia, no Egito, na Antiguidade Mediterrânea e na Idade Média, tanto quanto na Idade Moderna; entretanto, somente no ocidente, na era moderna, conheceu-se uma organização capitalista racional assentada no trabalho livre. Dentre os fatores existentes que possibilitaram essa peculiaridade, Weber destaca: a precisão dos cálculos com relação aos ganhos e gastos (o que só é possível no plano do trabalho livre, pois o trabalho escravo não é calculável), que estaria articulada a fatores técnicos, ao desenvolvimento das ciências da matemática e das experimentalmente exatas ciências da natureza, típicas da era moderna; a vigência de um direito formal ou um determinado sistema legal, a presença de uma administração orientada por regras formais e uma ordem estatal assentada na representação parlamentar e regida por leis racionalmente reconhecidas.

Essas referidas condições não seriam ainda suficientes para se compreender a origem e a peculiaridade do racionalismo ocidental porque o racionalismo econômico, embora dependesse parcialmente da técnica e do direito racional, seria

"determinado pela capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional. Onde elas foram obstruídas por obstáculos espirituais, o desenvolvimento de uma conduta econômica também tem encontrado uma séria resistência interna. Ora, as forças mágicas e religiosas, e

os ideais éticos de dever deles decorrentes, sempre estiveram no passado entre os mais importantes elementos formativos da conduta. É com elas que se ocupam os estudos aqui reunidos e ordenado" (Weber, 1967:11).

Assim, situado no âmbito da história universal, Weber relaciona, compara diferentes acontecimentos históricos, busca encontrar as semelhanças e as diferenças, e nesse exercício, gradativamente, especifica, particulariza, o que lhe interessa analisar. Na última citação, Max Weber define o eixo de sua perspectiva interpretativa: examinar a "capacidade e disposições dos homens em adotar certos tipos de conduta racional", o que, implicitamente, significava destacar o sentido que determinadas ações humanas teria para os sujeitos envolvidos. É sob esse ângulo que ele se propõe a estudar "o ethos de um sistema econômico" - capitalismo, compreender a íntima vinculação entre "esse moderno ethos econômico e a ética protestante".

Ao delinear a problemática - objeto de sua investigação - Weber explicita os paradigmas que sustentam a sua perspectiva metodológica. Dialogando com as teorias, com as questões metodológicas do século XIX, a interlocução fundamental é com a interpretação dialético-materialista do capitalismo formulada por Marx. Ainda, na introdução, Weber escreveu

"tratar-se-á pois, para começar, de reconhecer os traços distintivos do racionalismo ocidental, depois de reconhecer a sua origem. Toda tentativa de explicação dessa ordem deverá admitir a importância fundamental da economia e levar em consideração, antes de tudo, condições econômicas".

Essa ênfase no econômico se opõe, evidentemente, à concepção marxista. Para Weber o econômico é um "fator" que pode interferir ou não no âmbito da significação cultural. Diz ele que "o âmbito das manifestações econômicas flutua e não pode ser determinado com exatidão, e por outro, que os aspectos econômicos de um fenômeno nem são apenas economicamente condicionados nem fonte de uma eficácia puramente econômica" (Weber, 1977:35/36).

A primazia no "fator econômico" secundariza-se, na medida em que definia o que lhe interessava compreender acerca do capitalismo, orientando-se para o exame da correlação, da relação íntima entre dois aspectos da cultura: a ética protestante e o espírito do capitalismo.

3. A "depuração compreensiva" do problema na investigação

Para Weber a realidade é dada empiricamente mas, é infinita e inesgotável pela investigação científica. A complexidade da vida social impossibilita um conhecimento de uma totalidade generalizada,

"pois o número e a natureza das causas que determinam qualquer acontecimento individual são sempre infinitos, e não existe nas próprias coisas critério algum que permita escolher entre elas uma fração que possa entrar isoladamente em linha de conta" (Weber, 1977:57).

A realidade se apresenta de imediato complexa e totalmente fragmentada, como uma espécie de "caos de juízos existenciais". Aprender essa realidade em seu fundamento último ou pretender, através da relação causal, captar em qualquer fenômeno concreto a sua plena realidade seria um empreendimento praticamente impossível. Segundo Weber

"o caos só pode ser ordenado pela circunstância de que, em qualquer caso, unicamente uma porção da realidade individual possui importância para nós, posto que, só essa porção se encontra em relação com as idéias de valores culturais, com que abordamos a realidade...", "apenas uma parte finita da infinita diversidade de fenômenos possuiará uma significação" (Weber, 1977:57).

É tarefa de quem investiga eleger o setor ou o traço da realidade dotado de significação. Nesse sentido o ato da investigação pressupõe o particular, já que a realidade em sua totalidade apresenta-se como inacessível.

A penetração na natureza particular dos fenômenos concretos só pode ser efetiva através de uma ciência empírica assentada na relação causal e na possibilidade de comprovação científica, só que em uma perspectiva metodológica diferenciada do método positivista. A lógica desse tratamento metodológico evidencia-se ao longo da análise descritiva e interpretativa desenvolvida na "Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo".

No capítulo I da referida obra, Weber comenta que

"qualquer observação da estatística ocupacional de um país de composição religiosa mista traz à luz, com notável frequência, um fenômeno que já tem provocado repetidas discussões na imprensa e literatura católica e em congressos católicos na Alemanha: o fato de os líderes do mundo do negócio e proprietários do capital, assim como dos níveis mais altos da mão de obra qualificada, principalmente o pessoal técnico e comercialmente especializado das

modernas empresas, serem preponderantemente protestantes" (Weber, 1977:19).

A formulação da congruência entre o capitalismo moderno e a ética protestante é também feita a partir da constatação da pequena proporção de trabalhadores católicos entre os trabalhadores especializados e nos cargos diretivos da moderna indústria capitalista. A razão dessa ausência dos católicos, por base em certas impressões do senso comum, diz ele, poderia estar no fato de que "os traços ascéticos dos seus mais altos ideais, levaram seus seguidores a uma maior indiferença frente aos bens desse mundo" (Weber, 1967:23). Nesse processo de depuração "compreensiva" da realidade, Weber descarta a explicação da presença dos protestantes por fatores de natureza histórica, econômica, riqueza material herdada, etc, e, centra-se na perspectiva de que a análise do fenômeno deve-se circunscrever no âmbito da filiação religiosa. A explicação para o

"fato dos protestantes, tanto como classe dirigente, quanto como classe dirigida, seja como maioria, seja como minoria, serem demonstrado tendência específica para o racionalismo econômico, que não pôde ser observada entre os católicos em qualquer uma dessas situações" (Weber, 1967:23),

deveria ser buscada no caráter intrínseco e permanente de suas crenças religiosas e não apenas em suas temporárias situações externas na história e na política.

Admitindo o sentido da filiação religiosa para a gênese do espírito do capitalismo, Weber indaga quais ramos do protestantismo poderiam ter exercido significativa influência para o racionalismo moderno. Na sua percepção, na base da acumulação capitalista, estaria o ascetismo calvinista. Diz "o velho protestantismo de Lutero, Calvino Knox, Volt, quase nada tinha a ver com o que hoje denominamos progresso" (Weber, 1967:27), assim, a influência do ramo calvinista "foi, ao que parece, das mais fortes, inclusive na Alemanha, e a religião reformada, mais do que outras, parece ter promovido o desenvolvimento do espírito do capitalismo" (Weber, 1967:26).

A análise comparativa, o conhecimento possível do passado e do presente, a reflexão lógica e teórica realizada permitem a Weber estabelecer grande número de relações possíveis, vagamente perceptíveis do problema que se propõe investigar. De certa forma, descobriu uma relação causal que não pretende explicar em

"termos de causas e efeitos segundo a lógica positivista, mas compreendê-las em termos de condições de probabilidade no sentido do que pode ocorrer, ou, como fato carregado de sentido, isto é, como algo que aponta para outros fatos e somente em função dos quais poderia ser conhecido em toda sua amplitude" (Weber, 1980:8).

Tal problema é colocado no entendimento de que a tarefa posterior da pesquisa seria

"a de formular, tão claramente quanto for possível, o que percebemos de maneira confusa, levando em consideração a inexaurível diversidade encontrável em todo o material histórico. Mas, para chegar a isso, deve-se deixar de lado o âmbito dos conceitos vagos e gerais... e tentar penetrar nas características peculiares e nas diferenças" (Weber, 1980:27).

4. A construção do tipo ideal: o delineamento do "espírito do capitalismo"

Segundo Max Weber, o fato da realidade social ser uma "tessitura infinita de coisas dotadas de sentido" e a ciência e o pesquisador serem marcados por forte densidade sócio-cultural exigiriam, para fins da verdade objetiva, o uso dos tipos ideais. Estes seriam construções intelectuais, espécies de "ficções metodológicas" que se aproximariam da realidade, mas não seriam a própria realidade. Afirma,

"trata-se de um quadro do pensamento, e não a realidade histórica, e muito menos da realidade autêntica, e não serve de esquema no qual se possa incluir a realidade à maneira de exemplar. Tem antes o significado de um conceito limite puramente ideal, em relação ao qual se mede a realidade a fim de esclarecer o conteúdo empírico de alguns de seus elementos importantes, e com o qual esta é comparada" (Weber, 1980:27).

Eles não seriam modelos, hipóteses (no sentido causas de efeitos) para serem refutadas ou aceitas, mas, construções de relações motivadas pela imaginação do pesquisador, que parecem ser "objetivamente possíveis" de serem comprovadas. Nesse sentido, seriam "imagens sobre as quais construímos relações, pela utilização da possibilidade objetiva, que a nossa imagi-

nação, formada e orientada segundo a realidade, julga adequada" (Weber, 1980:81).

De acordo com essa perspectiva metodológica Weber, no 2º capítulo de sua exposição, procura definir preliminarmente o que entende por espírito do capitalismo, alertando que o conceito final e definitivo não pode figurar no início da investigação mas ao seu término. Assim, para a clara compreensão do objeto de investigação, descreve provisoriamente "o espírito do capitalismo" exemplificando com trechos de discursos de Benjamin Franklin (1706 - 1790), um dos líderes da independência americana. Nas sentenças: "lembra-te de que tempo é dinheiro", "lembra-te de que o crédito é dinheiro", "lembra-te de que o dinheiro é de natureza procriativa", "o bom pagador é dono da bolsa alheia", etc, estaria contido "o espírito do capitalismo". Os trechos referidos expressariam uma filosofia que constituiria não só uma simples técnica de vida, mas uma ética peculiar. O que se preconizava "não é mero senso comercial" mas sim um "ethos". Esse ethos particular, inscrito nas máximas de Benjamin Franklin, traduziriam atitudes morais marcadas por forte utilitarismo. A honestidade, a pontualidade, a laboriosidade, a frugalidade seriam virtudes úteis ao indivíduo na medida que redundariam na "obtenção de mais e mais dinheiro". De acordo com esse "ethos" a aquisição econômica não mais estaria subordinada ao homem como meio de satisfazer as suas necessidades materiais e, mesmo gerar a ostentação, mas articulava-se com o afastamento de todo o gozo espontâneo da vida. A referida ética caracterizava-se por ser

"completamente destituída de qualquer carácter eudomonista ou mesmo hedonista, pois é pensada tão puramente como uma finalidade em si, que chega a parecer algo superior à felicidade ou utilidade do indivíduo, de qualquer forma algo de totalmente transcendental e simplesmente irracional" (Weber, 1967:33).

Esta "inversão ética" seria o princípio orientador do capitalismo e expressaria uma idéia peculiar do dever profissional, a vocação. O impulso para "ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto for feito legalmente, o resultado e a expressão de virtude e de eficiência em uma vocação" (Weber, 1967:33).

A "vocação" para ganhar dinheiro como um fim em si mesmo, como um modo de vida comum a grupos inteiros de homens, típico do capitalismo moderno, seria qualificado na Antiguidade e na Idade Média como "o mais baixo tipo de avariza e como atividade desprovida de

autorespeito". Em outras formas históricas de sociedade, "o homem não desejava por natureza ganhar cada vez mais dinheiro, mas simplesmente viver como estava acostumado a viver, e ganhar o necessário para este fim" (Weber, 1967:43). Por outro lado, o empreendedor tinha um espírito de cunho tradicionalista: "o modo de vida tradicional, a maneira tradicional de regular as relações com o trabalho, o círculo essencialmente tradicional de fregueses; e o ethos deste grupo de homens de negócios se orientavam para lazer e conforto". Essas atitudes não se adequavam às exigências das condições de uma economia capitalista burguesa.

As forças motivadoras do capitalismo moderno não seria, para Weber, em primeira instância, uma questão de origem das somas de capital disponíveis, mas decorrentes do desenvolvimento do espírito do capitalismo. Diz "onde ele aparece e é capaz de se desenvolver, ele produz seu próprio capital e seu suprimento monetário como meios para seus fins e não o inverso" (Weber, 1967:44/45). Esse "espírito do capitalismo" se expressaria recriando qualidades éticas bastante diferentes daquelas adaptadas ao tradicionalismo do passado.

O tipo ideal de empresário segundo a lógica capitalista, seria aquele que investe racionalmente tudo o que ganha para ampliação e fortalecimento da sua empresa,

"sem ostentação grosseira ou refinada ele evita a ostentação e as despesas desnecessárias, assim como o gozo consciente de seu poder, e embaraçam-no os sinais de reconhecimento social que recebe"... "ele não retira nada de sua riqueza para si mesmo, a não ser a sensação irracional de haver cumprido a sua tarefa" (Weber, 1967:47).

É esse modo de vida caracterizado por certa tendência ascética que se torna objeto de investigação. O fato de no ocidente o homem conceber a sua vocação como uma obrigação e o "ganhar dinheiro" ter levado ao ascetismo, é o desafio da investigação empírica que Weber se propõe. Afirma:

"Será nossa tarefa descobrir quem foi o pai intelectual da forma concreta particular de pensamento racional da qual se desenvolveu a idéia de uma vocação e a divisão do trabalho na vocação, que é, como vimos, tão irracional do ponto de vista de um auto interesse puramente eudemonista, mas que tem sido, e ainda é, um dos elementos mais

características da nossa cultura capitalista. Estamos aqui particularmente interessados na origem do elemento irracional que precisamente se ausenta nesta como em toda a concepção de vocação".

Equacionado o tema, objeto de investigação, no quadro de um conjunto de proposições lógicas e teóricas, Weber institui o universo empírico de sua pesquisa: a investigação comparativa e cuidadosa das diferentes seitas protestantes.

5. Investigação: a descrição do Universo empírico

Como foi posto, para Weber a realidade só pode ser compreendida em seus aspectos particulares, pela construção de categorias definidas a priori. Elege-se um traço da realidade, uma forma particular de ação social e, através da investigação empírica, busca-se captar o curso do desenvolvimento "objetivamente possível" da mesma ou examinar a probabilidade do que pode acontecer. O tipo ideal, constituiria, pois, um instrumento de medida da realidade ao permitir compreender o quanto ela corresponde a ele.

Nessa formulação metodológica os conceitos de racional e irracional assumem importância fundamental. A ação cumpriria a função racional quando orientada para um objetivo ou para um conjunto de valores claramente formulados, e, quando os meios escolhidos para se atingir o objetivo fossem os mais adequados. A direção da investigação Weberiana é a de compreender qual é a ética protestante (enquanto um tipo de ação social) e como ela contribuiu "racionalmente" para a configuração do "espírito do capitalismo". É dessa forma que ele propõe entender a dinâmica do capitalismo moderno.

Com esse propósito Weber incursiona pelas seitas protestantes (Luteranismo, Calvinismo, pietismo, metodismo, movimento batista) examinando detalhadamente a ética vocacional do protestantismo ascético.

A tarefa de sua investigação iniciou-se pelo estudo da concepção de vocação de Lutero que enfatizava "a indicação de que o cumprimento das tarefas sob quaisquer circunstâncias é o único caminho para satisfazer a Deus, e que, por isso, qualquer vocação lícita tem o mesmo valor perante os olhos de Deus" (Weber, 1967:54).

Apesar de Weber considerar a concepção de vocação de Lutero uma das elaborações mais significativas em termos de consequências do protestantismo, aponta para o fato da mesma não se identificar com o

"espírito do capitalismo", na medida em que favorecia em seu todo uma visão tradicionalista. Segundo a concepção tradicionalista, baseada na idéia da providência, o indivíduo deveria fundamentalmente permanecer na profissão e na posição em que Deus originalmente o colocara e a aspiração manter-se dentro dos limites dessa sua condição de vida. A vocação para Lutero era algo aceito como uma ordem divina, à qual o indivíduo deveria adaptar-se e, o trabalho vocacional era assim tarefa ordenada por Deus. A diferenciação dos homens em camadas e vocação era um resultado direto da vontade divina e, conseqüentemente, a permanência de cada um na posição e dentro dos limites que lhes fora assinalado por Deus, um dever religioso. Essa concepção de vocação gerou conseqüências negativas: "a submissão dos deveres seculares aos ascéticos da situação vigente". O luteranismo na medida em que gerava uma ética pautada pela submissão não poderia ser a razão explicativa do "espírito do capitalismo moderno".

Ao descartar o luteranismo, Weber passou a investigar outros ramos, em especial o calvinismo, propondo-se a fazer reflexões sobre esses dogmas, apresentando-os sob a forma de tipos ideais, que raramente poderiam ser encontrados na realidade histórica.

Para o Calvinismo o interesse religioso não estava no homem, mas em Deus - "Deus não existe para os homens mas estes por causa de Deus". O fato de apenas uma pequena parte dos homens ser acolhida para a bem-aventurança "só tem sentido como meio para a glória e a majestade de Deus". "Somente Deus é livre, não está submetido a lei alguma". O fato de apenas uma parte da humanidade ser salva e a outra condenada seria um designio de Deus e o mérito do homem na condução desse destino constituiria uma tarefa impossível.

Esse pensamento, segundo Weber, em sua patética desumanidade, trouxe para a geração que se rendeu à sua magnífica consistência o sentimento de uma inacreditável solidão interna do indivíduo. O homem sozinho deveria buscar a sua salvação eterna, somente ele poderia entender a palavra de Deus. A busca solitária da salvação, na condição de eleito, supunha a eliminação de todos os meios mágicos de salvação.

"Não só não havia meios mágicos de obter a graça de Deus para aqueles a quem Ele decidira negá-la, como não havia espécie alguma de meio. Combina com as rígidas doutrinas da indispensável transcendência de Deus e da corrupção do tudo que se refere à matéria, esta solidão interna do indivíduo contém, por outro lado, a razão da

atitude inteiramente negativa do puritanismo para com todos elementos sensuais e emocionais da cultura e religiosidade subjetiva, pois são inúteis para a salvação e fomentam ilusões sentimentais e superstições idólatras, preparando, assim, uma base para um antagonismo fundamental para com todo o tipo de cultura sensualista, por outro lado, ela forma uma das razões deste individualismo de inclinação pessimista e despido de ilusões" (Weber, 1967:73).

A influência da doutrina da predestinação nas formas de conduta e nas atitudes para com a vida, emerge, especialmente, na literatura puritana inglesa, no sentido de advertências contra qualquer confiança na ajuda da amizade dos homens. "Não se deve confiar em ninguém e nunca se dizer algo de comprometedor a quem quer que seja. Só Deus pode ser confiante". A consequência dessa concepção foi a abolição da confissão como um meio de descarga emocional do "pecado".

O ponto central do Calvinismo era a interlocução do homem com Deus, o que gerava um profundo isolamento espiritual. Na pressão para o isolamento interno do indivíduo, estaria a peculiaridade da fé calvinista.

"O mundo existe para a glorificação de Deus, e somente para este fim. O cristão eleito está no mundo apenas para aumentar esta glória. Mas, Deus requer obras sociais de cristão, porque Ele deseja que a vida social seja organizada segundo seus mandamentos, de acordo com aquela finalidade. A atividade social do cristão no mundo é primeiramente uma atividade in majorem gloriam dei. Este caráter é assim partilhado pelo labor especializado em vocações, justificado em termos de amor ao próximo. O elemento característico desse sistema ético é que o amor ao próximo expresso, em primeiro lugar, no cumprimento de tarefas diárias dadas pela lei natural, assume então um caráter peculiarmente objetivo e impessoal - aquele de serviço em prol da organização racional do nosso ambiente" (Weber, 1967:75).

A doutrina da predestinação, na fé calvinista, era interpretada através de duas recomendações pastorais básicas: cada um dos adeptos deve considerar-se escolhido e combater "todas as dúvidas e tentações do demônio", e fortalecer a vocação como um dever de obter certeza da própria

dedicação e justificação da luta diária pela vida. Uma intensa atividade profissional era recomendada como um meio mais adequado para produzir a auto confiança no indivíduo.

O calvinista tinha a convicção de que criava a sua própria salvação, em sistemático controle frente a um destino inexorável - ser escolhido ou condenado. Enquanto o católico realizava suas "boas obras", numa sucessão de atos isolados, para absolver-se de determinados pecados e melhorar suas possibilidades de salvação, o calvinista estava condenado ao seu destino.

"O Deus do calvinista requeria de seus fiéis, não apenas boas obras isoladas, mas uma santificação pelas obras, coordenada em um sistema unificado. Não havia lugar para ciclo essencialmente humano dos católicos, de pecado, arrependimento, reparação, relaxamento, seguidos de novo pecado" (Weber, 1967:81/82).

Os calvinistas, diferentemente dos católicos, no processo de racionalização do mundo, eliminaram a "mágica" como meio de salvação, entendendo que "somente uma vida guiada por uma reflexão poderia obter vitória sobre o estado natural" (Weber, 1967:82). Foi essa racionalização que deu à fé reformada uma tendência ascética.

3 O Pietismo como um movimento de natureza ascética apresentou substanciais diferenças com relação ao calvinismo. Nasceu de uma profunda descrença na igreja dos teólogos a partir da experiência que demonstrou "que frequentemente aqueles cristãos que quase não tinham nenhuma orientação da teologia acadêmica exibiam mais claramente os frutos da fé" (Weber, 1967:91). Sem formarem uma seita separada, tentaram viver nesta comunidade uma vida livre das tentações do mundo, e ditada em todas as minúcias pela vontade divina para, assim, - tornarem-se seguros de sua própria redenção, "por sinais manifestos de sua vida diária". Descjavam, por meio do ascetismo intensificado, "gozar a bem-aventurança da comunidade com Deus", nesta vida.

Esta tendência levou repetidas vezes à ênfase no elemento emocional. A emoção poderia adquirir tamanha intensidade, que a religião assumia um caráter histérico, bem estranho ao puritanismo calvinista, que enfatizava a disciplina estrita e temperada.

Weber, comparando o Pietismo ao Calvinismo, conclui que dada a influência luterana e o caráter emocional de sua religiosidade, o primeiro levou a uma racionalização da vida menos intensa.

"O lugar da auto-confiança, que o eleito procurava obter e continuamente renovar num trabalho vocacional, sem descanso e bem sucedido, foi tomado por uma atitude de humildade e abnegação. Isto, por sua vez, foi, em parte, o resultado de estímulos emocionais dirigidos somente para a experiência espiritual... Tudo isso mostra a influência da concepção da salvação, tipicamente luterana, através do perdão dos pecados e não através da significação prática. Em lugar da luta racional e sistemática para a obtenção da retenção de um conhecimento seguro da salvação futura (extraterrena), surge aqui a necessidade de sentir agora (nesta vida) a reconciliação e a comunidade com Deus" (Weber, 1967:96/97).

O metodismo teve também um caráter de tipo emocional mas ainda ascético. A obtenção do arrependimento levava à luta emocional e a êxtases. Na referida seita, o ato emocional de conversão era metodicamente provocado, e não era seguido por "um piedoso gôzo da comunidade de Deus", à maneira do Pietismo, mas a emoção despertada era orientada para uma luta racional pela perfeição, permanecendo o caráter racional da conduta típica do Calvinismo. Weber não relevou o metodismo pois considera-o como um produto tardio que nada acrescentou ao desenvolvimento da idéia de vocação.

Ao lado do Calvinismo, ele encontra uma segunda fonte independente do ascetismo protestante: os batistas, menonistas e, principalmente, os quakers. Um dos fundamentos dessa vertente era ser "uma comunidade de pessoas crentes e redimidas, e somente destas". Congregava apenas os adultos que tivessem pessoalmente adquirido e conhecido sua própria fé e que, portanto, poderiam ser batizados. A justificação através da fé para os batizados consistia na tomada de posse-espiritual do seu dom da salvação, o que ocorria através da revelação individual "pela ação do espírito Divino do indivíduo". Essa ação era oferecida a todos, bastava esperar pelo espírito e não resistir à sua vinda por um pecaminoso apego ao mundo. Os primeiros batistas moldaram as suas vidas, a exemplo dos apóstolos, numa estrita alienação do mundo. As seitas batistas junto ao calvinista estrito, desenvolveram a mais radical desvalorização de todos os sacramentos como meios de salvação e realizaram a desmitificação mágica do mundo. "Somente a luz interior da contínua revelação podia habilitar alguém a entender verdadeiramente até mesmo as revelações bíblicas", ou, "sem a luz interior, o homem natural... permaneceria puramente uma criatura de carne" (Weber, 1967:104).

O caráter peculiarmente racional da moralidade batista apoiou-se psicologicamente na idéia de "espera" pela ação do espírito. A finalidade da espera seria a superação do impulsivo e do irracional, das paixões e dos interesses subjetivos do homem "natural". "Ele deve calar-se a fim de conseguir aquela profunda tranquilidade de alma, que é a única em que pode ser ouvida a palavra de Deus" (Weber, 1967:105).

A fundamentação religiosa destes diversos movimentos ascéticos mostram que apesar das divergências o ponto decisivo

"é a concepção do estado de graça religiosa, comum a todas as denominações, como um status que distingue seu possuidor da degradação da carne, do mundo... Ela não podia ser garantida por nenhum sacramento mágico, pelo alívio da confissão, nem por boas obras isoladas. Mas, apenas pela prova de um tipo específico de conduta, inequivocamente diferente do modo de vida do homem "natural". Disto derivou-se um incentivo para que o indivíduo metodicamente supervisionasse seu próprio estado de graça, em sua própria conduta, e assim introduzisse nela o ascetismo... Esta conduta ascética significou um planejamento racional de toda a vida do indivíduo, de acordo com a vontade de Deus" (Weber, 1967:108).

6. Da descrição à interpretação

Ao início do trabalho, Weber define o "espírito do capitalismo" utilizando trechos do discurso de Benjamim Franklin depois, depura os "tipos de protestantismo" demonstrando que o calvinismo constituiu-se na principal vertente na medida em que forneceu a mais consistente fundamentação à idéia de vocação. Ao concluir, procura dar maior densidade à formulação feita inicialmente em termos de "regras de possibilidades", buscando evidenciar os pontos da concepção calvinista de vocação e a exigência de um comportamento ascético, (através dos trabalhos do teórico R. Baxter), para compreender sua influência no estilo de vida capitalista.

R. Baxter em seus trabalhos dá ênfase ao caráter perigoso e tentador da riqueza e condena a procura de bens e de dinheiro como um ato desprovido de sentido "quando comparado com a superior importância do reino de Deus". A implicação do sentido ético dessa máxima refere-se à objeção moral ao descanso. A riqueza implicitamente traz a possibilidade do

"ócio e da sensualidade", daí o perigo. "Para permanecer em estado de graça" e encontrar a salvação, o homem deve "trabalhar o dia todo em favor do que lhe foi destinado" e, assim, aumentar a "glória de Deus". A "vida social", conversas ociosas, o luxo, o prazer seriam dispensáveis pois resultariam em horas perdidas no trabalho, o que redundaria em perda de tempo para a glorificação de Deus.

A prescrição, "trabalhe enérgicamente na sua vocação" constituiria um preventivo contra todas as tentações, inclusive as "da carne". As relações sexuais seriam permitidas somente no casamento, como um meio desejado por Deus, de acordo com o mandamento "crescei e multiplicai-vos".

O trabalho consistiria na finalidade da vida e a falta de vontade de trabalhar seria um sintoma da ausência do "estado de graça"; assim, tanto os pobres quanto os ricos deveriam trabalhar. Todos, sem exceção, receberiam uma vocação da providência divina, vocação que deveria ser por todos reconhecida e exercida. Essa vocação não seria, como no luteranismo, um destino ao qual cada um deveria se submeter, mas um mandamento de Deus para todos trabalharem na sua glorificação.

Na concepção puritana, a ênfase é posta no caráter metódico da ascese vocacional e não, como em Lutero, na aceitação do destino irremediavelmente assinalado por Deus. Não é qualquer trabalho que interessa, mas um trabalho racional, uma vocação que é pedida por Deus. O trabalho irregular não teria os requisitos do ascetismo secular, mas o especializado sim, "ele (o trabalhador especializado) efetuará seu trabalho ordenadamente, enquanto um grupo permanecerá numa contínua confusão, não conhecendo sua atividade... razão pela qual ter um ofício certo é o melhor para todos" (Weber, 1967:115).

A utilidade de uma vocação, e sua conseqüente aprovação por Deus, seria orientada por critérios morais, pela escala de importância dos bens produzidos para a coletividade e pela lucratividade individual do empreendimento. Quando "Deus aponta para um de seus eleitos uma oportunidade de lucro, este deve aproveitá-la com um propósito e, conseqüentemente, o cristão deve atender a esse chamado" (Weber, 1967:115). Se o eleito recusar a possibilidade de lucratividade estará "recusando um dos fins de sua vocação" e as dídivas de Deus. Assim, a riqueza como um empreendimento de um dever vocacional não seria apenas permissível como diretamente recomendada.

A ênfase do significado ascético de uma vocação fixa propiciou uma justificação ética para a moderna divisão do trabalho e das profissões. A especialização, à medida que possibilitava o desenvolvimento das habilidades

do trabalhador e promovia progressos quantitativos e qualitativos na produção, subordinava-se aos interesses de "Deus e ao bem comum".

Weber procura esclarecer, especialmente, aqueles pontos pelos quais a concepção puritana de vocação e a exigência de um comportamento ascético iriam influir no estilo de vida capitalista. Como demonstrou, a ascese orientava todo o seu vigor principalmente contra uma atitude: "a de desfrutar espontaneamente a vida e tudo o que ela tem para oferecer". Essa orientação teria deixado marcas em várias instâncias das ações humanas (esporte, arte...).

O princípio da conduta ascética considerava que o esporte tinha que servir a uma finalidade racional: o restabelecimento necessário da eficiência do corpo. Ele era condenado como meio de expressão espontânea de impulsos indisciplinados e como forma de prazer irracional.

Os puritanos tinham profundo ódio a tudo que cheirasse superstição, contra todas as reminiscências da salvação mágica ou sacramental, e também a toda a arte religiosa espontânea. Todas as manifestações de um comportamento irracional e sem objetivo como "ostentação" e futilidades não eram agradáveis a Deus e, portanto, condenáveis. A ética protestante, em seu fundamento de repúdio a todos os prazeres da carne, gerava uma tendência para a uniformidade da vida, que "tão fortemente contribui para a padronização capitalista de produção".

Outra máxima da ética é a de que o homem é apenas um guardião dos bens que lhe foram confiados pela graça de Deus. "A idéia do dever do homem para com os bens que lhe foram confiados, aos quais se subordina como administrador, ou até como máquina de ganhar dinheiro, estende-se em peso paralisante sobre toda a vida" (Weber, 1967:122). Daí a infatigável necessidade de trabalhar e o gradual aumento da responsabilidade de acordo com a ampliação das posses.

O ascetismo secular do protestantismo opunha-se ao espontâneo usufruir das riquezas e restringia o consumo, especialmente o consumo do luxo.

"Em compensação, libertava psicologicamente a aquisição de bens das inibições da ética tradicional, rompendo os grilhões da ansia do lucro, com o que não apenas legalizou, como também considerou como diretamente desejada por Deus. A luta contra as tentações da carne e a dependência dos bens materiais era... não uma campanha contra

o enriquecimento, mas contra o uso irracional da riqueza" (Weber, 1967:122).

O uso racional e utilitário da riqueza e sua conservação através do trabalho profissional eram expressão da bênção divina. Nesse sentido Weber enfatiza que

"a avaliação religiosa do infatigável, constante e sistemático labor vocacional secular, como o mais alto instrumento de ascese, e, ao mesmo tempo, como o mais seguro meio de preservação da redenção da fé e do homem, deve ter sido presumivelmente a mais poderosa alavanca da expressão dessa concepção de vida, que aqui apontamos como o espírito do capitalismo".

A acumulação capitalista resultou da compulsão ascética à poupança. "As restrições impostas ao uso da riqueza adquirida só poderiam levar a seu uso produtivo como investimento de capital". À medida que foi se estendendo a influência da concepção da vida puritana, favoreceu o desenvolvimento de uma vida racional e burguesa, "não devemos deixar de recomendar às pessoas que sejam laboriosas e econômicas. Devemos exortar todos os cristãos a ganhar tudo o que foi possível, e a economizar o máximo possível, isto é, em outras palavras, a se enriquecerem" (Weber, 1967:131).

A ascese protestante produziu de um lado uma norma, a sanção psicológica através da concepção do trabalho como vocação e como meio de atingir a certeza da "graça de Deus"; por outro lado, legitimou a exploração da específica "vontade de trabalhar". A procura do reino de Deus, através do preenchimento do dever vocacional e a estrita ascese imposta pela igreja, especialmente, nas classes pobres, influenciou a produtividade do trabalho, no sentido capitalista. O tratamento do trabalho como vocação era tão característico para o moderno trabalhador, como a correspondente atitude aquisitiva do empresário. O poder da ascese religiosa colocava à disposição do empresário, trabalhadores sóbrios, conscientes, que se prendiam ao trabalho, como uma finalidade de vida desejada por Deus.

Para Weber a idéia do trabalho vocacional de cunho ascético, transferido para a vida profissional, influenciando a moralidade secular, contribui "poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série através da máquina" (Weber, 1967:131). Conclui que, desde que o ascetismo começou a remodelar o mundo, os bens materiais se transformaram gradativamente em uma inexorável força sobre os homens, nunca vista na História. E na medida em que o capitalismo se

ampliou apoiado numa base mecânica, a crença religiosa fundada no dever vocacional se transformou em um fantasma ou desapareceu. E, nesse sentido observa que "nos Estados Unidos, onde o capitalismo alcançou o mais alto desenvolvimento, a procura da riqueza, despida de sua roupagem ético-religiosa, tende cada vez mais a associar-se com as paixões puramente mundanas" (Weber, 1967:131).

7. Considerações acerca do método

O "método compreensivo", do qual Weber foi um dos teóricos, exige que o pesquisador desvende a conexão de sentido das ações humanas, isto é, o significado das ações dos sujeitos em interação ou interesses racionais/irracionais que motivam as ações humanas. Compreende a realidade social, composta de indivíduos dotados de vontade, de querer, de valores, que só pode ser captada compreensivamente e de forma particular, na medida em que a totalidade é infinita, inesgotável.

O sujeito que investiga, dada a complexidade do social, clege uma fração da realidade dotada de significação sócio-cultural para ele, procurando ver "os possíveis" para captar o real. A atividade científica orienta-se para a compreensão daquilo que atinge a subjetividade das ações humanas e visa a captar o curso das ações "objetivamente possíveis".

Nesse quadro metodológico, Weber propôs-se a compreender particularidades do capitalismo moderno, elegendo a ética protestante como elemento fundante de sua análise. Optando pelo ascetismo protestante secularizado, especialmente o Calvinismo, procura fornecer elementos para a interpretação da acumulação capitalista nas sociedades ocidentais.

Na "Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" Weber exercita com muita propriedade os paradigmas que fundamentam o "método compreensivo". Ao final da obra, demonstrando a aplicação que fez do conceito de tipo ideal, conclui:

"Um dos componentes fundamentais do espírito do moderno capitalismo, e não apenas deste, mas de toda a cultura moderna: a conduta racional baseada na idéia de vocação nasceu, segundo se tentou demonstrar nessa discussão, da ascese cristã. Basta reler o trecho de Franklin, transcrito no início deste ensaio, para perceber que os elementos fundamentais do que lá se denominou "espírito do capitalismo" são justamente os que ora apresentamos como conteú-

do da ascese vocacional do puritanismo, apenas sem a sua fundamentação religiosa, já desaparecida no tempo de Franklin" (Weber, 1967:130).

Weber admite, assim, que a investigação sociológica depara-se com a tarefa de determinar, em cada caso particular, a proximidade e o afastamento entre a realidade e o quadro ideal. O tipo ideal, como uma construção intelectual destinada à medição e à caracterização sistemática dos "indivíduos históricos", constitui no início do trabalho em um conceito de natureza descritiva intimamente ligado à realidade, mas não é a própria realidade. Como um conceito produzido "a priori", é vazio de conteúdo real no início do trabalho científico, e somente ao longo da investigação "ele depura as propriedades dos fenômenos reais desencarnando-os pela análise para depois reconstruí-los" (Weber, 1977:18).

O tipo ideal constitui-se numa utopia que permite elevar ao máximo de consciência "aquilo que é específico da realidade humana em cada caso particular" e o papel das Ciências Humanas é esboçar "muitas, e mesmo inúmeras utopias... nas quais nenhuma poderia ser observada na realidade, mas cada uma das quais pretenderia ser uma representação" (Weber, 1977:20). As utopias a que Weber se refere seriam, pois, artifícios lógicos, através dos quais o pesquisador exercitaria sua reflexão sobre a realidade dotada de significação.

O alvo da preocupação de Weber, nesse trabalho, foi o de compreender os parâmetros do processo crescente de racionalização das sociedades ocidentais. O tipo ideal construído constituiu-se em uma "ficção científica", em uma "espécie de lente" que não se expressou numa relação causal, no sentido de uma hipótese comprovável ou não, no sentido de probabilidade estatística, mas em termos de condição de possibilidade de ocorrência.

Assim, enquanto artifício metodológico, o tipo ideal não deveria interessar como um fim, mas como um meio de se obter o conhecimento, portanto,

"a construção apenas serviu como meio para realizar metodicamente a atribuição válida de um processo histórico às suas causas reais, dentre o conjunto das que é possível estabelecer na atual situação do nosso conhecimento" (Weber, 1977:23).

Finalmente, o tipo ideal na perspectiva Weberiana, seria o recurso para as Ciências Humanas atingirem a objetividade científica. Os conceitos

vagos, imprecisos, utilizados na linguagem cotidiana consistiriam "em instrumento de perigosas ilusões e, constantemente, meio de boicotar a evolução de uma exposição correta dos problemas" (Weber, 1977:25). Entendendo que as Ciências Humanas só poderiam oferecer conceitos e juízos que não constituem a realidade empírica e nem podem reproduzi-la, na sua plenitude, mas permitem ordená-la pelo pensamento, de modo válido, Weber acreditava que com a construção do tipo ideal seria possível manter-se "a linha quase imperceptível que separa a crença da ciência".

RÉSUMÉ

A partir de l'oeuvre "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", l'auteur propose l'examen du processus de construction de la connaissance qui permet à Max Weber d'interpréter un texte d'histoire. Par la compréhension de la méthodologie employée, on montre l'articulation entre l'investigation empirique et les fondements logiques et théoriques des Sciences Sociales.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira Editora, 1967.
- _____. *Sobre a teoria das ciências sociais*. Biblioteca de Ciências Humanas, Lisboa: Editorial Presença e Martins Fontes, 1977.
- _____. *Os Pensadores*. Textos selecionados. São Paulo: Editor Victor Civita, 1988.